

ROMPENDO SILÊNCIOS: ALUNOS ESPECIAIS NARRAM HISTÓRIAS DE INCLUSÃO

Marco Aurélio Freire Ferraz - UFRGS/FACED/PPGEDU

Resumo: Texto elaborado a partir da dissertação de mestrado que analisou narrativas de Alunos com Necessidades Educativas Especiais sobre as atuais Políticas de Inclusão com o objetivo de visibilizar os discursos desses alunos. A pesquisa aconteceu em três Escolas Municipais de Porto Alegre, sendo uma Escola Especial e duas Escolas Regulares. Na Escola Especial o grupo foi formado por alunos que já haviam tido alguma experiência em Escola Regular e nas outras duas escolas com alunos que estudam em Turmas de Progressão. O *corpus* desse estudo é composto pelas anotações em Diário de Bordo, assim chamado devido à analogia que acompanha o trabalho quanto a uma viagem marítima, transcrição de gravações realizadas durante os encontros e desenhos dos alunos. As análises das narrativas dos alunos apontaram para unidades temáticas como: *A diferença está no outro, a Escola Regular como sendo a escola normal, a deficiência como doença e as narrativas sobre a inclusão. São apresentados ainda os desenhos com as representações de Escola Regular e de Escola Especial e os mapas de escolarização de alguns alunos.* De uma forma geral o que ficou visível, respeitadas as provisoriiedades das afirmações, é que os alunos da Escola Especial apresentam algumas resistências quanto ao Ensino Regular devido a algumas experiências vividas nesse espaço; parecem temer que ocorra novamente o fato de ter poucos amigos, de que a professora não os entenda, de que voltem a ter vergonha do que tem dificuldade para aprender ou da sua forma de se expressar, de ter que voltarem para o fundo da sala ou que ficar muito tempo no pátio.

Palavras-chave: Inclusão Escolar. Educação Especial. Ensino Regular. Narrativas. Representação. Deficiência.

Abstract: Cette thèse d'étude approfondie a examiné les récits d'élèves ayant des besoins éducatifs spéciaux sur les politiques d'inclusion dans le but de visibiliser les discours de ces étudiants. La recherche s'est passé à trois écoles municipales de Porto Alegre, avec une école spéciale et deux écoles ordinaires. Dans l'école spéciale dans le groupe a été créé par des étudiants qui avaient déjà une certaine expérience dans l'école ordinaire et les deux autres écoles avec les étudiants qui étudient dans les classes de progrès. Le corpus de cette étude est constitué des notes de Journal d'érable, ainsi nommée pour l'analogie qui vient de travail sur un voyage par mer, la transcription des enregistrements réalisés pendant les réunions et les dessins des élèves. L'analyse des récits des élèves considérées comme unités thématiques: *La différence est dans l'autre, l'école régulière que l'école normale, le handicap et la maladie et les textes explicatifs sur l'inclusion. Pourtant, les dessins sont présentés avec des images de l'école ordinaire et extraordinaire et les cartes de scolarité pour certains étudiants.* En général ce qui était visible, respecté les provisions des déclarations, est que les étudiants de l'Ecole spécial offre une certaine résistance sur l'enseignement ordinaire en raison de certaines expériences dans ce domaine. . Ils semblent craindre de se produire à nouveau le fait d'avoir peu d'amis, que le professeur ne comprend pas, d'avoir de l'honte de ce qui a de la difficulté d'apprentissage ou de sa façon de s'exprimer, a dû rentrer au fond de la salle ou de devoir rester très longtemps dans la cour.

Mots-clés: Inclusion scolaire. Enseignement spécialisé. Enseignement-Régulier. Récits. Représentation. Handicap.

Inspirado nas histórias de grandes travessias e na possibilidade de explorar um tema tão caro como é a trajetória dos alunos ditos especiais, tenho investido na construção de um projeto de dissertação que tem se materializado a partir da idéia de tornar possível uma escuta ao discurso de alunos com necessidades educativas especiais com ênfase na deficiência mental, alunos que tenham iniciado sua história escolar na educação especial, e nela permanecido, alunos que tenham sido incluídos no ensino regular e aqueles que fracassaram nesse processo de inclusão e tenham retornado para escola especial e ainda aqueles que vieram do ensino regular. Costurado pela analogia ao mar e seus mistérios, navego no movimento de idas e vindas, sem um porto estável onde aportar.

A Nau dos Insensatos que inspirou a introdução do referido projeto, é descrita por Michel Foucault em “A História da Loucura” (1961) e tem o mesmo sentido que as Naus dos loucos ou insensatos da Idade Média, “navios que carregavam insanos em busca da razão” um estranho barco que deslizava pelos rios e mares, levando uma carga insana, partia sem um rumo definido. Num mergulho, rumo ao desconhecido. Os tripulantes embarcavam em uma viagem sem fim, flutuando num mar sem fim, sem bordas, sem ancoragem. Portanto, sem um lugar definido para chegar.

Os alunos das Escolas Especiais, diferente dos loucos da Idade Média, foram nomeados Portadores de Necessidades Educativas Especiais e estão sendo “convidados” a embarcarem em uma Nau, em sentido metafórico, para um lugar pré-determinado, a Escola Regular, e, como os insensatos do início da modernidade, não escolheram partir nesta viagem, o convite para essa travessia foi feito por estranhos.

Ao chegar neste novo lugar, a Escola Regular, talvez sejam recebidos como estrangeiros, pois seu jeito de comunicar-se e aprender, são distintos. Alguns deles com seus corpos marcados são mais diferentes que os diferentes daquele lugar.

Na atual conjuntura, o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Especial, regulamenta o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Entre as capitais Porto Alegre talvez seja uma das poucas que ainda mantém escolas especiais na sua rede de atendimento escolar e exatamente por essa decisão é foco de questionamentos nos encontros nacionais, principalmente, em Brasília.

É importante salientar que, quando se instala a proposta de reestruturação do Ensino Especial, algumas mães de alunos em Porto Alegre, pronunciam-se em defesa da manutenção das escolas especiais como refere o seguinte trecho do manifesto de mães da Escola Municipal Especial Lygia Morrone Averbuck:

Vocês conhecem realmente as necessidades de nossos filhos? Antes de tomarem qualquer decisão, procurem conhecer a nossa realidade, passem um dia dentro das nossas escolas,

aí sim terão uma pequena noção de como são os nossos filhos e suas reais necessidades. Conversem com os professores, funcionários e, principalmente, com os pais, para que possamos também relatar o que representa para nós este espaço.

No contexto geral até então apresentado, destaco como um dos aspectos importantes a compreender, é que nesse processo de discussão está se assumindo o direito de decidir seja pela lei, pela norma ou outros dispositivos, a vida escolar de milhares de alunos que podem de alguma forma falar, desde que sejam construídas as oportunidades para tal.

Com os estudos que venho realizando, tenho observado que o movimento dos alunos com deficiência mental, entre os fenômenos da inclusão e exclusão na Escola Regular e/ou na Escola Especial, tem tido visibilidade. Muito mais do que antes, é notório o aumento da clientela tanto na escola especial quanto na escola regular, e, observando dados da vida escolar dos alunos que participam da pesquisa, tenho percebido que sua vida escolar é repleta de momentos onde os fracassos aparecem em destaque, obscurecendo de alguma forma as pequenas conquistas acontecidas.

Por fazer parte como professor deste universo que tenho analisado, considero fundamental explicitar as trajetórias pelas quais tem passado a Educação Especial e destacar suas crises na perspectiva de compreender as especificidades com as quais nos deparamos no ato de educar, como na atual conjuntura em que os educadores especiais mobilizam-se para discutir o futuro da Escola Especial, diante da concretização de algumas ações do Ministério da Educação por meio da Secretaria de Educação Especial. Considero um momento importante para expor o trabalho que venho desenvolvendo em três escolas: uma Escola Especial, uma Escola Regular com um processo de discussão quanto à inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais, bastante avançado e com um número considerável de alunos já incluídos e uma escola onde funciona uma Sala de Integração e Recursos que trabalha com grupo de alunos de diferentes escolas da Rede Municipal de Ensino.

O trabalho tem sido desenvolvido com grupos de alunos com os quais promovo um grupo de discussão, com entrevistas semiestruturadas, tomando o cuidado para que todos tenham oportunidade de se colocar e que os alunos sintam-se mobilizados a participar.

Não pretendo apresentar novas verdades, pois acredito que elas não existam centralizadas em um ou outro ponto da travessia que os alunos vêm apresentando, mas refletir sobre novas perspectivas que os Estudos Culturais permitem para tratar um tema tão importante como é a inclusão, vista neste projeto sob a ótica dos próprios alunos. Contribuindo para problematizar ideias tidas como verdades.

Inspirado pelas ideias de Michel Foucault, permito-me identificar esses alunos com os chamados anormais, considerando a busca insistente de colocá-los em uma determinada norma que os capture, que os normatize, para assim conduzi-los ao que chamamos “normalidade”.

Pronunciado no Collège de France, de janeiro a março de 1975, o curso sobre “Os Anormais” dá continuidade às análises que Michel Foucault consagrou a partir de 1970, aprofundando questões como saber, poder, normalização e biopoder. É a partir de múltiplas fontes, jurídicas e médicas, entre outras, que Foucault aborda o problema desses indivíduos “perigosos” que, no século XIX, eram chamados de “anormais”, destacando a formação de um saber e de um poder de normalização. A partir dessa discussão poderia dizer que esses eram os indivíduos que, de uma ou outra forma, escapavam a uma norma; porém, eram capturados por outras, considerando que ninguém escapa à norma. Segundo o mesmo autor são três as figuras principais de caracterização dos anormais: os monstros, os incorrigíveis e os onanistas.

Sendo assim, o indivíduo considerado anormal, é aquele que, segundo o referido autor, deriva-se ao mesmo tempo da exceção jurídico-natural do monstro das multidões, dos incorrigíveis, detidos pelos aparelhos de adestramento, e do universal secreto das sexualidades infantis.

Na lógica de uma reflexão atual sobre a sociedade e o princípio de exclusão, ainda percebendo o quanto os discursos dos alunos da Escola Especial estão envoltos nestas lógicas, reporto-me à época da alta Idade Média, na oposição razão e loucura. “O louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros”. Hoje os alunos com necessidades educativas especiais poderiam ser facilmente comparados aos loucos da Idade Média, pois o olhar a eles lançado ainda é de estranheza, ainda é preciso romper as barreiras do silêncio, das palavras ingênuas, para que eles possam ter na expressão desses discursos, as suas ideias compreendidas.

Pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo; pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber. (FOUCAULT.1970. p.11)

Apesar de considerar que o conceito de loucura aproxima-se muito mais da Doença Mental do que da Deficiência Mental, este termo é utilizado no texto como elemento

de costura no resgate histórico das posições tomadas, em nome da normalidade, o que de fato aproximaria os indivíduos aqui estudados das duas vertentes¹.

Em “A História da loucura” por exemplo, Foucault revela a trajetória dos muitos séculos, durante os quais a palavra do louco não era ouvida e se ouvida, o era com ouvido que a filtrava como dotada de uma razão ingênua ou astuciosa, ou seja, como um discurso diferente, do lugar de quem poderia exercer uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis. Por volta do século XVIII a palavra dos loucos passa a ser o mecanismo pelo qual era reconhecida sua própria loucura, então o que era dito é observado como e por que era dito, essa palavra passa a fazer a diferença.

A escolha de pesquisar alunos com deficiência mental é fruto da minha experiência na Escola Municipal Especial, onde a ênfase de atendimento se dá para este tipo de aluno. Essa escolha também se deve por verificar que os campos de pesquisa na educação inclusiva, tanto para alunos cegos quanto para surdos ou superdotados, tem se dado em um outro patamar de discussão pelo fato de, na maioria das vezes, se estar lidando com situações onde as constituições cognitivas estão preservadas, o que de certa forma não é o caso dos alunos com deficiência mental.

A pesquisa está fundamentada no princípio de que a partir de situações em que mais do que ouvir as vozes dos alunos, será necessário permitir o aparecimento da pluralidade dos discursos e do conjunto de enunciados que poderão ser evidenciados, trazendo consigo um certo número de efeitos de poder

Apesar de ser uma discussão importante quanto ao processo de inclusão, na dissertação não aponto o interesse da busca de um lugar para os incluídos, mas um espaço de autoria. No desenvolvimento da pesquisa os alunos envolvidos entram como coautores, pois me emprestam relatos de suas histórias de escolaridade, e é a partir delas que estou compondo um conjunto de textos que, analisados dentro de metodologias que consideram os diversos discursos que lhes dão sentido, posso apresentar algumas certezas, mas muito distantes de serem consideradas verdades, por dois motivos: um por que toda verdade pode ser relativizada quando atravessada pela cultura, principalmente em nossa linha de pesquisa em Estudos Culturais e outro, por que as certezas que apresento, são indicadores de possibilidade para pesquisa que desenvolvo.

Nas observações realizadas no trabalho com alunos da escola especial, tenho percebido que a comunicação é um processo importante nas relações escolares.

1 O primeiro passo no estudo independência da condição da deficiência e doença mental ocorreu no início do Século XIX, quando se estabeleceu a diferenciação entre idiotia e a loucura. Existe uma tendência mundial de estar reconhecendo o termo Doença Mental como transtorno Mental e Deficiência Mental como deficiência intelectual

Verifiquei que nas diversas situações que envolvem os alunos, sempre estes tiveram algo para ser dito, seja em gestos, pequenas vocalizações, por meio de desenhos ou com a própria fala.

As situações cotidianas me levam a perceber melhor que processos de comunicação incompreendidos desencadeiam problemas e conflitos entre os alunos, professores, funcionários e famílias. Na maioria das vezes esclarecidas por desenhos, gestos ou falas. Questões que exigem a armação de cenas de escuta, pelas quais realizamos importantes aprendizagens. O exercício da constituição de espaços de fala na escola me fizeram refletir sobre a necessidade de ouvir os alunos no processo de inclusão.

A inclusão tem sido foco de discussão em diversos fóruns, com a participação de educadores, legisladores, famílias e outras tantas pessoas interessadas no assunto. No entanto, passei a observar que faltava nestes fóruns a fala dos alunos. Tal situação começou a fazer parte de minhas inquietações, perguntava-me: por que os alunos não são chamados a falar? Será pela crença de que, por serem deficientes mentais, suas opiniões seriam teoricamente desprovidas de certa racionalidade, o que tornaria de imediato sua fala sem sentido? Por essa fala não estar inscrita, em um padrão de normalidade, estaria em uma outra ordem do discurso, que não a esperada por quem faz as leis? Se considerarmos que há então um discurso capaz de contribuir para a qualificação do processo de inclusão, como dar visibilidade a este discurso?

Alguns pontos de convergência me levam a estruturar minhas abordagens levando em consideração a importância e imergir no interior das relações escolarizadas dos envolvidos na pesquisa, vivenciar o cotidiano de suas relações com a escola e com o processo de inclusão, para pela escuta dos discursos e enunciados, retornar a minha perspectiva de pesquisador, utilizando para isto a possibilidade de registro a partir das histórias da vida escolar e, principalmente, dos discursos dos alunos. Refiro-me aos relatos que já tenho recolhido durante o processo de escrita, onde desenhos dos alunos são como subsídios. Para aqueles que já tiveram experiências no Ensino Regular, é proposto que desenhem a escola de onde vieram e a Escola Especial, fazendo comentários sobre os desenhos. Falas muito significativas têm acompanhado esses desenhos, o que tem definido, de certa forma, a necessidade de anexá-los ao projeto e, conseqüentemente, justifica usá-los como ilustração.

No desenvolver da pesquisa observei uma caracterização de aluno que me levou a estudar a trajetória dos alunos com outro olhar, que é o número considerável de alunos que não passaram por um espaço educacional especial, mas foram rotulados como especial, encaminhados para diversos profissionais da área da saúde em busca de um diagnóstico “preciso” e passaram, na sua maioria por Classes Especiais nas escolas em que estudaram. Observei também alunos que não passaram por Classes

ou Escolas Especiais, mas permaneceram por muitos anos (alguns dos 7 até 12, 13 anos) em ciclos iniciais, evoluindo em turmas de progressão e avançando com Projetos especiais.

Os grupos de alunos que participam da pesquisa em uma Escola Regular relatam suas trajetórias de vida escolar com uma mescla de sentimentos que parecem revelar seus conflitos, saudades, decepções, revoltas, incompreensões,... que podem ser observados em suas falas e em seus desenhos. Como um aluno que representa a Escola Especial com um desenho em que os alunos estão jogando vários objetos para o ar, enquanto que outros estão em cadeiras de roda e quando é pedido que conte a história de seu desenho, diz não querer contar, mas que eu poderia pensar o que eu quisesse, mas somente coisas ruins. Uma outra aluna relata com detalhes como é ter uma crise convulsiva e o quanto a reação das outras pessoas lhe incomodava.

Os alunos narram suas trajetórias com detalhes que têm enriquecido a pesquisa e encaminhado para novos rumos, como problematizar por que a maioria dos alunos diz não saber por que trocaram de escola, principalmente, os alunos da Escola Especial: relatam diferenças significativas como ter poucos amigos em uma escola, ninguém convidar para o futebol, que se dava bem com os pequenos, não aprender por que tinha muito barulho, entre outros relatos. Assim como para os alunos do ensino regular, quando questionados sobre onde deveriam estudar os alunos das Escolas Especiais, dizem que seria melhor todos juntos, pois se alguém não soubesse alguma coisa o outro ensinava. Porém, quanto às deficiências físicas, revelam curiosidades como de que forma o aluno responderia se a professora pedisse para levantar, ou ir algum lugar difícil de se movimentar.

A análise que pretendo apresentar está fundamentada, como já anunciei, nos Estudos Culturais em sua aproximação com os estudos Pós-Estruturalistas. Para tanto, assumo as instabilidades, os conflitos e as desconformidades presentes ao visibilizar os discursos de alunos, sem perder de vista as pluralidades de sentidos expressas nesses mesmos discursos.

Ajustando novamente as lentes que direcionaram meu olhar sobre o objeto de estudo, explico a intenção de visibilizar o discurso de alunos com necessidades educativas especiais envolvidos em processos de inclusão.

Uma das questões recorrentes nessa etapa foi de que forma visibilizar os referidos discursos. Respondo a esta questão propondo que seria a partir dos subsídios produzidos com as entrevistas semiestruturadas, nas quais buscava explorar diferentes temáticas.

Uma das temáticas foi o motivo de estarem na escola atual, que surgiu a partir da análise dos dados empíricos que mostravam a aparente falta de conhecimento

ou necessidade de ocultar. Outra temática era a de diversas mudanças de escola. A tentativa de elucidar os motivos que os levaram a mudar de escola, alguns três ou quatro vezes.

As lembranças de outras experiências escolares, considerando aqui os movimentos dentro do processo escolar que podem ser vistos em três exemplos que tracei, ao que chamei de “mapas de escolarização” que mostram os movimentos anuais de um aluno, de cada uma das escolas pesquisadas, em seu processo de escolarização.

Interessavam também as escolhas, opiniões e expectativas desses alunos quanto à escola em que se encontram matriculados.

Essas opiniões sobre a inclusão foram vistas a partir dos comentários sobre os desenhos que realizaram, na tentativa de representar dois diferentes tipos de escola, a Escola Regular e a Escola Especial e sobre seus posicionamentos quanto às políticas de educação inclusiva.

Pela própria característica que a entrevista semiestruturada² apresenta, muitas outras temáticas e questões foram permeando os encontros como namoro, trabalho, futuro, futebol e família.

Dessa forma, fundamento este estudo em uma abordagem metodológica de pesquisa qualitativa, envolvendo nos estudos a produção dos materiais empíricos: dados das histórias de vida escolar dos alunos presentes nos relatórios ou dossiês, materiais dos alunos produzidos durante as entrevistas e representações de escolas – Regular e Especial – pelos desenhos.

É importante referir que entendo uma pesquisa qualitativa como um campo de investigação que pode atravessar outros campos de conhecimento e temas. Trata-se de uma pesquisa como uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade a esse mundo. Acredito ter entrado em um mundo complexo, contraditório e instável que é o “mundo da escola” na sua relação com os processos inclusivos.

Compreender melhor as políticas de inclusão foi um exercício difícil, pois ao estudar a temática, procurei compreender o movimento dos alunos entre a Escola Regular e a Escola Especial, sem desvalorizar uma ou outra, mesmo desenvolvendo minhas atividades pedagógicas em uma Escola Especial e acreditando no potencial educativo deste tipo de escola.

As produções dos materiais empíricos ocorreram, entre outros momentos, nos encontros realizados com os três grupos, dois grupos em Escolas Regulares diferentes

² Refiro-me principalmente ao fato desta modalidade de entrevista ser flexível, aberta e com possibilidade de que seja construído um momento de conversação com o grupo de entrevistados.

e um grupo na Escola Especial. Foram realizados três encontros com cada grupo. Os encontros foram gravados, transcritos e organizados a partir de um quadro-resumo que teve como objetivo visibilizar as narrativas dos alunos permitindo observar quais as temáticas que se destacavam, além de apontar algumas narrativas que se repetiam nos grupos. Posteriormente, um outro quadro foi organizado onde foram reunidos os dados dos três grupos.

Em uma análise mais detalhada percebi que as narrativas poderiam ser organizadas em algumas unidades que intitulei: a diferença está no outro, a Escola Normal, a deficiência como doença, as narrativas sobre inclusão e as representações da Escola Regular e da Escola Especial.

Percebo que muitos dados ainda serão produzidos e que os caminhos irão se materializando, com a possibilidade de pensar que meu trabalho flui em aberto e busca contribuir com as atuais discussões sobre a inclusão de alunos com déficits intelectuais no ensino regular. Os caminhos são muitos e sigo a metáfora do mar como inspiração, para tanto, encerro com a citação de [Bauman \(2007, p. 31\)](#) do seu livro *Vida Líquida*:

Jangadeiros descendo o rio sobre troncos de árvores só fazem seguir a corrente. Não precisam de bússola – diferentemente de marinheiros em mar aberto, que não ficam sem uma. Os jangadeiros se deixam levar pela força do rio, ocasionalmente auxiliando-a com os remos ou afastando a jangada das rochas e cachoeiras, e evitando bancos de areia e margens cheias de pedras.

Os marinheiros, porém, estariam perdidos se confiassem sua trajetória ao sabor dos ventos e às mudanças das correntes. Eles não podem deixar de controlar os movimentos do barco. Devem decidir para onde ir e por isso precisam de uma bússola que lhes diga quando e onde virar com o intuito de chegar ao destino.

Não quero tomar o lugar dos jangadeiros e nem ter o domínio dos marinheiros, mas vislumbrar que a cada momento, as vozes que ouvirei não serão para anunciar uma terra à vista, mas para apontar que a travessia está apenas começando.

REFERENCIAS

BAUMAN, Zygmund. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. Tradução de Alberto Medeiros. ①

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa. Estudos Culturais Educação e Pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*. v. 23. p. 36-61, mai-ago 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991 [1972].

_____. *Resume dos cursos do Collège de France (1970- 1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Tradução de Andréia Daher; consultoria Roberto Machado.